

Este conto faz parte do livro *Persona ou O Corretor de Imóveis*

## OBRA DE ALEIJADINHO

*Ars deluditur arte*

Para José de Alencar Ávila Carvalho  
e José Antônio Ávila Sacramento

Diz a lenda que dois ricos coronéis disputavam o privilégio de ter em suas terras uma capela e, como não chegavam a um acordo com as autoridades eclesiásticas, resolveram que, dia 29 de setembro, sairiam de suas respectivas fazendas cavalgando sem rumo, e onde houvesse o encontro dos dois, ali seria a igreja. É bem provável que a lenda tenha um fundo de verdade, pois que a capela de São Miguel do Cajuru está edificada num desbarrancado muito inadequado a se construir um templo, ainda mais para honrar o santo da devoção local.

Em meados do século XVIII, veio o primeiro vigário residente, o Pe. Nazário, exímio tocador de bombardino, para cuidar dos bens integrados da capela, valendo-se da boa vontade e das burras cheias de ouro dos ricos fazendeiros da freguesia. Começou pelo forro da nave. Contratou o mestre José Joaquim da Trindade que, dependurado numa trapizonga de cordas, retratou os três arcanjos — Miguel, Rafael e Gabriel — ajoelhados com mansa humildade, contemplando a Santíssima Trindade. Na capela-mor, São Miguel, sozinho, andando nas nuvens com seu estandarte. A partir do medalhão central, em direção aos cantos do forro, saíam quatro colunas que terminavam em púlpitos arredondados, dentro dos quais o artista inseriu: Santo Ambrósio, São Gregório, Santo

Agostinho e São Jerônimo, este acompanhado dum leãozinho de olhar muito matreiro, representando as adversidades que o santo passou no deserto. Tudo isso não se fez em sete dias. O mestre pintor ficou hospedado uma grande temporada naquelas bandas; ora na casa do vigário, ora numa fazenda próxima, preparando suas tintas com óleo de copaíba e misteriosos pigmentos que só ele conhecia. Enquanto isso, deu tempo para que o pároco escolhesse os negros mais beiçudos do lugar e criou uma notável orquestra, na qual predominavam dez trompas e quatro tubas da mais alta qualidade. Diz a tradição oral irreverente que, quando a orquestra tocava, eram os arcanjos flatulentos que estrondavam naquelas paragens, comandados pelo não menos Pe. Nazário, rotundo apreciador de chouriço com repolho.

Quando mestre Trindade foi embora, com a promessa de voltar, chegou o Aniceto, para fazer as talhas do altar principal e dos dois laterais. Os santos de madeira foram encomendados fora, um pouco em São João del-Rei, outro tanto em Vila Rica, ao todo doze. Nessa encomenda veio um São Pascoal Bailão que, segundo um historiador francês, diretor do Louvre, arquitetos consagrados e negociantes famosos, era obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Nada disso está registrado nos livros de termos da Confraria dos Arcanjos, mas quando essas pessoas importantes presumem, presumido está.

A capela de São Miguel chegou até os dias de globalização: decadente; o forro cheio de goteiras, que têm lavado aos pouquinhos as tintas do mestre Trindade; o ouro das talhas dos altares, raspado por um restaurador que convenceu o vigário itinerante a substituir a tinta antiga pelo moderno látex, muito mais fácil de achar no comércio. Não há mais fazendeiros ricos, crentes e devotos, nem padres que tocam bombardino. Daquele

tempo, por descendência, só restou o Zé Porfírio, trineto do primeiro ministro da Confraria dos Arcanjos, filho do mestre Aniceto, que, entre um entalhe e outro, andou de brincadeiras com uma pretinha que cuidava da casa paroquial. Porfírio, analfabeto como seus antepassados, sabia de cor as histórias que lhe passaram o pai e o avô e contava os casos da orquestra do Pe. Nazário com tantos detalhes que era fácil imaginar as trompas e tubas retumbando naqueles confins perdidos e profundos de Minas Gerais.

No ano passado chegou ao Cajuru o Dr. Bernardo, que se dizia carioca. Carro importado, boas roupas, cachimbo na boca e um caderninho, onde lia e confirmava no ambiente a correspondência das informações. Procurou o Zé Porfírio, indagando daqui e dali, e achou o ministro da Confraria dos Arcanjos na venda do Vivico-do-Seu-Juca.

— Já conversei com o bispo e ele me autorizou a dar uma olhada na capela. Preciso tirar uns retratos. O senhor também vai aparecer na revista.

Zé Porfírio fez cara de entusiasmo e convidou o doutor a ir até sua casa para buscar a chave.

— Entra, dotô, senta. Orozimba! Traiz café pro dotô.

Rodeado por meia dúzia de meninos curiosos, risonhos e catarrentos, o doutor Bernardo tomou o cafezinho ralo e muito doce numa canequinha esmaltada com as beiradas enferrujadas. Meio incomodado, apressou o Porfírio, que já estava com a chave dependurada numa vareta de pau.

O carioca tirou muitas fotografias, sempre acompanhado do Zé Porfírio; quando chegou em frente do nicho de São Pascoal Bailão, consultou o caderninho e

falou em voz baixa:

— Seu Zé, o senhor não me venderia esta imagem?

— Ah, seu dotô, num posso fazê isso, de jeito nenhum.

— Dou dez mil. Dá para fazer uma boa reforma na igreja.

No contexto do povoado, a quantia era altíssima. Zé Porfírio fez cara de pensativo e parou de conversar. O Dr. Bernardo acabou de fotografar a capela e, já lá fora, quando ia entrando no carro, o Zé Porfírio indagou:

— O dotô num chega mais um pouco?

— Como assim?

— Uai, o sinhô vê que deiz num divede pra treis e se fô só pro São Migué, os otro arcanjo vai ficá sintido. Depois num dá tamém pra sê iguar, São Migué é o maió de todos, o sinhô num leu lá praquinha? Quisicuti Deus. De maneras que se São Migué levá deiz, e os otro arcanjo levá cinco cada um, tá de bom tamanho.

A avaliação do carioca indicava que ele estava diante de um fraco, um tolo, um caipira sem escrúpulos e, para resolver rápido, dobrou a proposta inicial.

— Pois que seja, dez pra São Miguel e cinco pra cada um dos outros.

Zé Porfírio não pestanejou, fechou o negócio e impôs uma condição:

— Tem que sê de noite e o sinhô tem que siná um paper, dizem que a importância é doação pra capela de São Migué do Cajuru.

O doutor concordou com ar triunfal.

— Vou a São João e volto às oito. Trago o papel que o senhor quer e o cheque.

— Cheque? Assim num dá, seu dotô. Tem que sê dinheiro, dinheiro de verdade.

— Está bem, então vou andando pra pegar o banco aberto.

Ligou o carro e o celular. Na cidade, o Dr. Bernardo encontrou com dois companheiros que já tinham sacado o dinheiro e preparado o documento:

— *Aos 25 dias do mês de setembro, do ano da graça de Nosso Senhor Cristo de 1999, eu, Bernardo de Toledo Martins, brasileiro, casado, advogado, residente na Avenida Atlântica, 678, ap. 3, na cidade do Rio de Janeiro, dôo à Confraria dos Arcanjos a importância de R\$20.000,00 (vinte mil reais) a troco da imagem de São Pascoal Bailão.*

— Está bom assim, Dr. Carlos? Perguntou o escrevente.

— Que isso, que isso, não fique me chamando pelo nome. Eu aqui sou Bernardo.

— É mesmo, Dr. Bernardo, esqueci.

— Mas é bom não esquecer. Voltarei ao Cajuru sozinho. O tal de Porfírio é um bobão. Se ele imaginasse quanto vale aquela imagem!

Os três foram jantar no restaurante do hotel numa euforia muito vivaz e quando o relógio da matriz bateu sete horas, o Dr. Bernardo — que na verdade era Carlos — voltou ao Cajuru.

O Zé Porfírio estava esperando, agachado na porta da capela, fazendo um cigarrinho de palha.

— Bá noite, seu dotô, o sinhô troxe o paper?

— Trouxe.

— Entonces lê ele pra mim, proquê eu num

conheço bem as letra.

O carioca leu o documento, entregou o pacote de dinheiro ao Zé Porfírio e ele mesmo foi buscar a imagem, na penumbra da capela mal iluminada. Colocou-a numa valise acolchoada e saiu depressa, quase correndo.

— Vamo tomá um café, dotô. A Orozimba feiz uma broa.

— Não, muito obrigado, estou com pressa, ainda hoje vou para o Rio, felicidades para o senhor.

— Pois entonces vai com Deus. São Migué e os arcanjo tudo que ajude o sinhô.

Às 10 horas estava de volta a São João. Foi a conta de pegar os dois companheiros no hotel e rumar para São Paulo, comentando como tinha sido fácil negociar com aquele pobre diabo.

— Se der algum problema, o tal de Zé Porfírio estará encrocado. Sujeitinho bocó tá ali. Eu fiz a primeira proposta e sabe o que ele me disse? *O doutor não chega mais um pouco?* E depois veio com uma conversinha mole de que dez não divide pra três e ainda botou um latim no meio. Vê se pode?! Já foi o tempo em que mineiro ficava negociando um tempão pra fechar negócio. Esses babaquaras do interior só querem um pouco mais e pronto.

Às seis da manhã, o carro estava entrando em São Paulo. Foram direto à Galeria Bazin, nos Jardins. O executivo teve que esperar um bom tempo, cochilando numa sala reservada, e, lá pelas nove, apareceu o comendador Della Croce.

— E então? — Perguntou o chefão.

Carlos despreguiçou, bocejou, abriu a valise, retirou a imagem e entregou-a ao comendador, que, de olhos fechados, colocou-a num pedestal. Com passinhos

ligeiros e afrescalhados, dirigiu-se a uma poltrona; mandou acender os refletores direcionados de halogênio e, só então, abriu os olhos, devagar, até que se arregalassem. Tremelicou como se tivesse um orgasmo, sibilando o ar entre os dentes serrados.

— Que beleza! Que beleza! Exclamava o comendador. Que beleza! Que beleza! O embaixador vai dar pelo menos uns... nem quero pensar! Que genialidade! Só mesmo o formão de um gênio poderia produzir esta perfeição!

— Comendador, como tem certeza de que esta peça é do Aleijadinho?

— Disso você não entende, meu caro Carlos, disso você não entende. Se eu lhe der uma aula de esculturalidade por dia, daqui a sete anos você será um aprendiz... — riu debochado o comendador — Veja o ângulo de ataque do formão... Que maravilha!

— Bem, comendador, outro dia pensaremos nas aulas. Missão cumprida, vou tirar um sono, estou morto de cansaço.

Quando foi saindo estabonado, esbarrou no pedestal e derrubou a imagem, que caiu no piso de mármore, quebrando-se em sete pedaços...

No Cajuru, no nicho da direita do altar de São Miguel, está outro altaneiro São Pascoal Bailão, padroeiro dos congressos eucarísticos. De gesso, gesso legítimo, borra de café, cabaça socada no pilão e grude de polvilho. Era a liga do bocó do Porfírio. No céu, o alegre Pe. Nazário entoava: — *...Tibi mille densa millium/Ducum corona militat:/Sed explicat victor Crucem/Michaël salutis signifer...* — e sua orquestra de negros beijudos soprava suas trompas e tubas, ecoando nas nuvens o troante ribombar dos arcanjos.